

## **Viajar e relatar no século XVI: as formas pelas quais os viajantes franceses se serviram para provar aos seus leitores que o que escreviam era verdade**

Maria Carolina Akemi SAMESHIMA  
Área: História

### **Introdução**

Durante os dois séculos que se seguiram ao período áureo da expansão ultramarina, boa parte do que foi escrito sobre a América, assim como o Oriente, baseava-se nos relatos e cartas de aventureiros e exploradores, que viram “com seus próprios olhos” aquelas terras que despertavam tanta curiosidade em seus coetâneos. Especialmente, nos relatos escritos pelos viajantes franceses que participaram das tentativas de colonização conhecidas como França Antártica (litoral do Rio de Janeiro, entre 1555-1560) e Flórida Francesa (litoral da Península da Flórida, entre 1562-1565).

Apesar do fracasso das duas tentativas de colonização francesa na América, os documentos provenientes dessas duas experiências conseguiram uma ampla divulgação na França e, também, na Europa. Entre a publicação da primeira obra francesa sobre a França Antártica, *Les Singvlaritez de la France Antarctique* (1557), de André Thevet, e a última edição da *Histoire D'Vn Voyage fait en la Terre dv Bresil [...]*, de Jean de Léry, durante o século XVI, quarenta e três anos passaram-se. Nessas quatro décadas, temos notícias de dezoito edições de relatos que falam exclusivamente sobre as duas tentativas de colonização francesa, na América. Se incluirmos as traduções e publicações fora da França esse número aumentaria, consideravelmente. Segundo Gilberto Ferrez, além da edição em língua francesa, o livro de Thevet sobre a França Antártica foi publicado em italiano (1561) e em inglês (1567-1568). Enquanto que *Histoire D'Vn Voyage fait en la Terre dv Bresil* recebia traduções para o latim (1592 e 1594), o holandês (1597) e o inglês (1611).

### **Objetivo**

Mas, nosso objetivo com este trabalho é analisar as maneiras pelas quais esses viajantes se serviram para provar aos seus leitores que o que escreviam era verdade.

### **Resultados**

No relato do alemão Hans Staden, que se passou por francês entre os indígenas, bastante divulgado também na Europa quinhentista, o seu editor Johann Eichmann passou praticamente todo o prefácio afirmando a veracidade das informações contidas naquele relato, assim como da confiança que o leitor poderia depositar em seu autor, pois Staden era o contrário daqueles aventureiros “com suas mentiras disparatadas, suas falsidades e narrações fantasiosas” que contribuíram para a pouca consideração dada às pessoas que viajam para lugares distantes. Levando em conta essa pouca consideração dada aos relatos dos viajantes que estiveram na América, nos questionamos sobre as maneiras apresentadas nessas narrativas para convencer o leitor, ou melhor, para mostrar que aquilo que escreviam era confiável.

Logo na apresentação (página de rosto e índice) de cada relato, uma pequena fórmula, que seria desenvolvida por toda a obra, se destacava: a confirmação da veracidade do relato através da riqueza e da diversidade de informações, além da afirmação da sinceridade dos autores. A apresentação dos relatos deve ser levada em conta, pois é através da página de rosto, por exemplo, que encontraremos os elementos que nos incitarão a prosseguir, ou não, a leitura do livro. Enquanto o índice, nos dá uma primeira noção do seu conteúdo ao mesmo tempo que facilita e possibilita leitura variáveis.

Como nos manuscritos, os primeiros impressos, chamados de incunábulo, tinham seus textos começados no reto da folha, logo após uma fórmula na qual era indicado o assunto da obra e às vezes o nome do autor. Com o tempo, no final do século XV e início do XVI, com os novos usos dos livros, a página de rosto, contendo o registro civil da obra, foi aparecendo e ganhando a função que ainda se mantém, a de tornar mais fácil a consulta dos livros.

Nas páginas de rosto dos relatos franceses, que foram publicados na segunda metade do mesmo século, já encontramos as indicações bibliográficas reagrupadas numa única página, como podemos observar na página de rosto de *Les Singlaritez de la France Antarctique*, cujo título forma um triângulo, que tem em sua base, ou o início do título, letras maiores e todas maiúsculas.

A preocupação dos editores em preencher toda a folha de rosto faz com que o título se estenda numa longa fórmula, com o acréscimo do que seria o assunto do relato, como podemos notar nas páginas de rosto de *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil* ou da *Histoire Notable de la Floride*. Na página de rosto de *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil* encontramos logo abaixo do título a seguinte informação:

Contendo a navegação e coisas notáveis vistas do mar, pelo autor. O comportamento de Villegagnon, naquele país. Os costumes e as maneiras estranhas de viver dos Selvagens Americanos: com um colóquio na sua linguagem. Junto à descrição dos muitos Animais, Árvores, Ervas e outras coisas singulares e totalmente desconhecidas por aqui, das quais se verão os sumários dos capítulos no início do livro.

Enquanto em seu índice podemos encontrar os títulos dos capítulos como uma espécie de um resumo sobre o que o leitor encontrará. Vejamos alguns exemplos:

I. Do motivo que nos levou a empreender esta longínqua viagem à terra do Brasil na ocasião em que a fizemos.

II. Do embarque no porto de Honfluer, na Normandia, das tormentas, encontros, abordagens de navios, primeiras terras e ilhas que descobrimos.

III. Dos bonitos, albacores, dourados, golfinhos, peixes-voadores e outros de várias espécies que vimos e apanhamos na zona tórrida.

[...]

VII. Descrição do rio Guanabara, também denominado Janeiro; da ilha de Coligny e do fortim nela edificado, bem como das ilhas vizinhas.

VIII. Índole, força, estatura, nudez, disposição e ornatos dos homens e mulheres brasileiros, habitantes da América, entre os quais permaneci quase um ano.[...]

Já no índice preparado por Theodore de Bry para o relato de Jacques Le Moyne de Morgues, podemos notar a ênfase nas localidades visitadas pelos franceses: “Florida descriptio” (descrição da Flórida), “America quarta orbis pars” (América quarta parte do mundo), “Canada provincia” (Província do Canadá), “Francia antarctica” (França Antártica), “Francia nova” (Nova França). Bem como o nome de alguns viajantes: “Christophorus Colonus” (Cristóvão Colombo), “Americus Vespucius Florentinus” (florentino Américo Vespúcio), “Hawquins naucleri Anglihumanitas” (Hawkins navegador inglês), “Fernadus Sotus” (Fernando de Soto), “Iacobus Carterius” (Jacques Cartier), “Laudonnius” (Laudonnière) e “Ioannus Verrazanus” (Giovanni Verrazzano).

Portanto, além de fazer a apresentação da obra e de certa forma organizar a leitura que será feita, as páginas de rosto e os índices contribuía para afirmar a veracidade do seu conteúdo, ou melhor, nessas páginas que faziam a apresentação do relato, o leitor já se depara com um dos aspectos que tornava a narrativa confiável: a riqueza de informações, prova de que o viajante, pessoalmente, observou tudo aquilo que estava contido no relato. Nos exemplos citados, anteriormente, podemos notar a ênfase dada às localidades e à variedade de

assuntos recolhidos na viagem, como no caso do sumário de Histoire d'un Voyage fait em la Terre du Brésil, de Jean de Léry ou no índice preparado por De Bry para as gravuras sobre a Flórida. Sem falar na fórmula encontrada nas páginas de rosto, quando se apresenta o viajante, cujo nome é, geralmente, seguido de sua profissão, cidade natal, acrescida de uma frase que afirma que a sua viagem foi realmente realizada e de que era digno de crédito – e por extensão também o relato.